

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

### PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (30 n.º) 15000 rs.; semestre (25 n.º) 8000 rs.  
FORA D'AVEIRO: anno (30 n.º) 15125 rs.; semestre (25 n.º) 8125 rs.  
BRAZIL (moeda forte) e Africa oriental, anno... 15500

### Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

### PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.  
No corpo do jornal: cada linha 60 rs.  
Numero avulso 30 rs.  
Redacção e administração — rua Direita.

## AVEIRO

### A AFFRONTA

Ainda nos não esqueceu o insulto que um deputado inglez nos arremessou á cara na camara dos commons, com approvação tacita de toda a camara, incluindo o sr. Gladstone, o «veneravel primeiro ministro da Inglaterra». Quando um insolente filho da Albion se levantou no parlamento do seu paiz a calumniar-nos torpemente, o que fez o presidente da camara? Apoiou-o com o seu silencio, não o chamando á ordem, como devia. O que fez a camara? Applaudiu-o. O que fez o sr. Gladstone? Concordeu com o calumniador nos pontos principaes da calumnia, limitando-se a dizer duas palavras favoraveis a Portugal, palavras obrigatorias na sua situação de ministro, palavras que como alto funcionario da nação teria de proferir com relação a um paiz amigo ou neutro, quer elle fosse Portugal, o principado de Monaco, a republica d'Andorra ou de San Marino.

O insulto que recebemos não foi pois um insulto individual, foi um insulto collectivo. Quem nos insultou não foi apenas um fulgorio Bright, foi o presidente que o ouviu, foi o ministerio que não protestou contra as suas asserções, foi a camara que o applaudiu, foi a Inglaterra. Este é o facto. Podemos dizer ousadamente que fomos cuspidos, vilipendiados, escarnecidos, insultados, calumniados pela Gran Bretanha. Assim se entende mesmo nas nações estrangeiras, onde se diz na

imprensa que o acto da camara dos commons é um «casus bellis».

Um «casus bellis», ouviram? Muito bem. Ora não podemos declarar guerra á Inglaterra porque a nossa fraqueza é extrema; mas podemos procurar outros meios de desaggravo. Como procedeu o paiz perante o procedimento insolito da Inglaterra? Ah! os «Lazzaroni»!...

Esfregou os olhos, espreguiçou-se, levantou a cabeça e sem mais incommodo mandou pelo correio o telegrapho felicitações ao bravo major Quillinan. Depois tornou-se a deitar, adormeceu e... deixar correr.

Nem um ruido, nem um desaffogo publico de patriotas offendidos, nem uma manifestação imponente, nem nada!

Sejamõs francos, carissimos compatriotas. Ninguém aprecia mais do que eu o acto brilhante do official portuguez. Entendo que é merecedor de todas as nossas sympathias e credor de todas as nossas felicitações. Mas o que entendo tambem é que o nosso protesto contra a insolencia britannica se não deve limitar a isso. Convem que provemos energeticamente ao sr. Bright, ao «veneravel primeiro ministro» de sua «graciosa» magestade a Rainha Victoria, á Inglaterra inteira, á Europa, que temos vida, dignidade, e pundonor, que não somos uma «nação desprezível». Demais não é a primeira vez que a perfida Albion nos ataca cruelmente no seu parlamento e nos seus jornaes; e eu creio como o acreditará toda a gente que ama a sua terra, que é tempo de demonstrar por um acto energico

que não estamos para os continuar a soffrer impunemente.

Reduzindo os nossos protestos a mandar uma espada de honra ao sr. Quillinan e a declamar nos jornaes, reconhecemos implicitamente a verdede das palavras do deputado inglez quando nos chamou «desprezíveis». Sim, é desprezível a nação, que não sabe procurar outros meios de se desaffrontar!

Ensinemos ao rei o seu dever, tratemos d'impôr ao Fontes e quejandos a nossa vontade, estudemos a alliança que mais nos convem, procuremo-la e mostrarmos-hemos assim dignos das considerações dos estranhos. «Quando não, não».

E para terminar, seja-me permitido dizer á chefatura republicana que tem andado mal n'esta questão. O seu dever seria agitar o paiz, elucidá-lo, esclarecê-lo, atacar de frente logo desde o principio a questão do Zaire, como fez na questão de Lourenço Marques. Talvez o faça ainda, mas já será tarde, creia-o. Quem não tem condições de revolucionario, não se sobrecarrega com pesados encargos. Quem se põe á frente d'um partido de acção deve-se esquecer de todos os processos monarchicos.

Não se tomem estas palavras á conta d'ataque descommedido. Tomem-se á conta d'incitamento, como a opinião sincera de muitos republicanos e attendam-nos um pouco para que um dia se não grite:

Lazzaroni, lazzaroni, tudo lazzaroni!

### Iguotus

presentado d'ordinario, mas tendo em lugar da fouce um objecto que á primeira vista tomei pela imagem d'um enorme pendulo, identico ao dos relogios antigos. Havia contudo no aspecto d'esta machina alguma cousa que m'obrigou a contemplá-la com mais cuidado. Observando-a directamente, com os olhos no ar, porque estava collocada justamente por cima de mim, julguei vê-la mover. Um instante depois confirmava-se a minha edêa. O seu balanço era curto e naturalmente muito vagaroso. Espiei-a durante alguns minutos, não sem uma certa desconfiança e sobretudo com um grande espanto. Fatigado por fim de vigiar o movimento fastidioso, dirigi a vista para outros objectos da cella.

Chamou-me a attenção um ligeiro ruido, e olhando para o solo, vi alguns ratos enormes que o atravessavam, sahidos do poço. No mesmo instante, como os fixasse, correram para mim a toda a pressa, com olhos vorazes atrainhidos pelo cheiro da carne. Afastei os difficilmente. Meia hora depois, ou talvez uma hora, — porque não tinha meio de contar o tempo com exactidão, — levantei de novo os olhos para o tecto. O que vi n'esse instante confundiu-me e petrificou-me. O pendulo desceira quasi uma jarda; a sua velocidade, por consequencia natural, era muito maior. Porém, o que me perturbou em especial foi reconhecer a sua descida visível e incontestável. Observei então, — com um terror que não posso descrever, — que a extremidade inferior era composta d'uma meia lua d'ago scintillante, d'um pé de comprido, pouco mais ou menos, d'uma ponta á outra, voltadas estas para o ar e o gume inferior afiado como o d'uma navalha de barba e como

uma navalha de barba adelgada a partir de cima para baixo. A meia lua ajustava-se a uma pesada verga de cobre e o todo associava balançando-se no espaço.

Não podia duvidar por mais tempo da sorte que me fora preparada pelo engenho infernal dos frades. Os agentes da Inquisição notaram que eu tinha descoberto o poço; — o poço, cujos horrores haviam reservado para um heretico tao atrevido como eu; — o poço, figura do inferno, e considero de péla opinião como o *Ultima Thule* de todos os castigos. Evitara a queda pelo mais fortuito dos acasos, mas sabia que a arte de converter o supplicio n'uma armadilha e n'uma surpresa constituia u n ramo importante do systema phantastico das execuções secretas. Não cabi no abysmo e não entrava no plano atroz dos jesuitas precipitar-me lá; ficava condemnado, portanto, e d'esta vez irremediavelmente, a uma morte diferente e mais suave. — Mais suave! Quasi que ri na agonia ao lembrar-me do emprego singular que dava a tal palavra.

De que me serve o descrever as longas horas de horror mortal, em que contava as oscillações vibrantes do ago? Ponto a ponto, linha a linha, descia, descia, aproximando-se de mim successivamente por intervallos que me pareciam seculos. Assim se passaram dias, muitos dias, antes que o pendulo se aproximasse o sufficiente para me rogar com o seu sópro de morte. O cheiro do ago entrava-me pelo nariz. Podi com desespero ao coo que o fizesse descer com a maior velocidade. Linceo, frenetico, tentei levantar-me para me arremessar a essa movel cimitarra. Depois cahi repentinamente n'um grande soco e deixei-me ficar

## CARICIAS DE GATO

*Nação desprezível!* Foi assim que um malcreado e insolente deputado inglez classificou este paiz que, possuindo uma historia brilhantissima, repleta de abnegações assombrosas e de heroismos sublimes, ahí está attestando ao universo inteiro, o seu valor e merecimento real.

*Nação desprezível* foi a phrase com que um safardana qualquer cognominou, em plena camara dos commons da Inglaterra, este agrupado de homens que, do extremo occidental da Europa, mettidos n'este cantinho da peninsula iberica, fizeram ecoar por toda a parte a fama dos seus gloriosos feitos, o prestigio do seu nome honrado, da sua coragem e valentia nunca excedidas, ensinando ás diversas nações do globo como se triumphava e como se é heroico.

*Desprezível*, chamou a este povo, um miseravel que, por fortuna, está fóra do alcance do nosso sapato, mas não fóra do alcance dos nossos protestos que vão exarados pela imprensa, na impossibilidade de lh'os imprimirmos nas faces desavergonhadas com um chicote de ferro.

*Nação desprezível* foi a injuria atirada ás faces d'esta nação heroica, covardemente, pelo mesmo processo porque os garotos da praça publica atiram as pedradas escondidas por traz das portas. Jacob Bright atirou-nos a pedrada da sua insolencia escondido atraz da porta da inviolabilidade.

*Nação desprezível que só pela força respeita os seus contractos*, foram as palavras d'um malcreado que, por este proceder provou ser um ignorante muito grande, que só á força de muita chicotada, poderá aprender a ser civilizado, e a respeitar os povos cuja historia os eleva muito acima dos excrementos vomitados por quantos Jacobs Brights appareçam.

*Nação desprezível*, porque tem brio, porque não está resolvida a deixar-se ir no embrulho em que a pretendeis levar, por que tem amor ás suas tradições gloriosas, porque é zelosa dos seus feitos heroicos.

Portugal seria, na tua bocca de grosseirão, um paiz digno e honrado se consentisse impunemente que a expoliadora patria dos beefs tomasse conta de tudo o que é nosso, que foi conquistado pelo esforço arrojado e sem igual dos nossos navegantes, muito áquem de a Inglaterra ser a Inglaterra. Assim não.

Como abrigamos no peito a pretensão justa e digna de ser pobres sim, mas sempre honrados, chamaem-nos *desprezíveis!*

Fazeis muito bem. Um elogio vosso seria uma nodôa na nossa historia, em frente da vossa. A' nodôa preferimos o coice porque temos ainda força sufficiente para o amparar e energia para o castigar.

Ao lado da indifferença official e do somno profundo dos quetinhama obrigação de nos desagrarar da affronta recebida, ergue-se vehemente o protesto unisono do povo contra a grosseria vomitada sobre a nossa historia sem igual no mundo. É preciso que em Inglaterra se saiba que não passa em silencio o covarde insulto Bright.

E se ha ahí alguém que tome entre nós a responsabilidade da infamia a que alludimos, que se apresente e verá então como os membros componentes da tal *nação desprezível*, sabem castigar as insolencias que lhe atiram os malcreados.

Se os nossos governantes são desprezíveis, se são desprezíveis as nossas instituições, hade seguir-se d'ahí que a nação o seja tambem!

Parece que não.

Este insulto arrojado a Portugal pela sua *fiel amiga e aliada* que nos tem *chupado* de grande e pretende seguir *chupando-nos*, tem muita afinidade com as caricias dos gatos que vão sempre arranhando por conta. Ora o que o gato nunca deve fazer é ir acordar o cão que dorme, alliaz pode isso ser-lhe fatal.

Ciriacus.

## BAIRRADA

Se tiveramos de contornar o nosso estylo com rendilhados caprichosos, e matizar de flores esta secção destina-

me cercavam. Parei n'esta edêa do esphacelamento da sarja.

Não ousava ir átem. Agarrei-me a essa reflexão com uma teimosia incrível como se com tal instancia conseguisse deter alli a descida do pendulo. Appliquei-me a meditar sobre o som que produziria o crescente cortando-me o fato e sobre a sensação particular e penetrante, que o roçar no tecido produziria nos meus nervos.

Entretanto elle descia, descia, descia sempre. Tomei um prazer phrenetico em comparar a sua velocidade de cima para baixo com a sua velocidade lateral, da direita para a esquerda—depois fugia para longe, longe... depois voltava,—com a chiadeira d'um espirito damnado!—até ao meu coração, com o deslizar furtivo do tigre! Eu ria e gritava alternativamente, segundo as impressões que me dominavam.

Já estava mais baixo,—invariavelmente, terrivelmente mais baixo! Oscillava a trez pollegadas do meu peito! Esforçava-me com violencia, com furia, por soltar o braço esquerdo, apenas livro do cotovello até á mão, o preciso para me deixar levar a comida desde o prato até á bocca. Se podesse despedaçar as ligaduras do cotovello para cima, atirar-me-ia ao pendulo para o fazer parar. Ah! seria o mesmo que tentar deter uma avalanche!

Sempre mais baixo!—incessantemente, —inevitavelmente mais baixo! Respirava dolorosamente, e agitava-me a cada vibração. Ecolhia-me convulso a cada oscillação. Os meus olhos seguiam o pendulo no seu balanço ascendente e descendente com o ardor d'um desespero insensato; fechavam-se pismódicamente no momento da descida, ainda que a morte fosse um alívio—e que incomprehensibil-

## Folhetim

### EDGAR POE

### O POÇO E O PENDULO

(Concluzão)

Vi tudo isto distinctamente e com esforço, porque a minha situação physica tinha mudado singularmente durante o somno. Agora estava deitado ao comprido sobre uma especie de cama de madeira muito baixa a que me amarrava solidamente uma longa faixa semelhante a uma correia, que me dava umas poucas de voltas ao corpo prendendo-me todos os membros, excepto a cabeça e o braço esquerdo. Ainda assim precisava fazer um esforço custoso para alcançar a comida contida n'um prato collocado no chão, ao meu lado. Descobri com terror que haviam levado a bilha. Digo com terror porque me devorava uma sede maldita. Pareceu-me que entrava no plano dos meus algozes exasperar essa sede, porque a comida contida no prato era carne extraordinariamente salgada.

da aos assumptos da Bairrada, deveramos começar por descrever com a linguagem da poesia, agora que entramos em maio, estes bellos campos, estas collinas verdejantes e estas povoações alegres, que formam a perspectiva mais encantadora que pode entreabrir-se aos olhos de todos quantos tiverem pela natureza um sentimento de admiração.

Mas, não é esse o nosso plano, nem o feição do nosso pensar se age já hoje a assumptos que não tenham o lado pratico e positivo das cousas da vida. Escrevendo d'uma região vinhateira, occorreu-nos muito naturalmente dizer hoje duas palavras sobre vinhos e vinhas.

Estas atravessam um periodo difficil, uma epoca de crise, ninguém ousa já contestalo na Bairrada. E todavia, ainda hontem, por assim dizer, não se prestava a minima attenção ao mal que ia dizimando os vinhedos alheios, e só se dava pela existencia do phylloxera quando os jornaes se encarregavam de pintar com negras cores os quadros de miseria que o Douro desenrolava na larga esteira da sua ruina quotidiana.

A Bairrada não se espantava do que lia, e os seus homens illustres, preocupados certamente com as eleições de campanario, umas escolhas da algebeira em que o povo figura de comparsa, talvez nem sequer se condoessem da sorte dos seus collegas vinhateiros do resto do paiz, se uma nodoa negra em Souzaellas, uma nodoa previdente, não viesse almar os espiritos desta localidade, a ponto de já se pensar hoje na utilidade do estabelecimento d'um viveiro de graminhas americanas proximo da estação do caminho de ferro em Mogofores.

Registando o facto, devemos penitenciar-nos da guerra que desde ha muito temos feito aos fructos da iniciativa official. Desta vés foi ella que excitou os animos na Bairrada, e graças lhe serão dadas, se conseguir que esta gente se preocupe d'aqui em diante um pouco mais com o futuro da sua propriedade e das suas vinhas, dirigindo por suas proprias mãos o barco de caza, sem carecer de timoneiro estranho que lhe marque a zota a seguir no mar dos seus interesses.

Registando o facto, devemos penitenciar-nos da guerra que desde ha muito temos feito aos fructos da iniciativa official. Desta vés foi ella que excitou os animos na Bairrada, e graças lhe serão dadas, se conseguir que esta gente se preocupe d'aqui em diante um pouco mais com o futuro da sua propriedade e das suas vinhas, dirigindo por suas proprias mãos o barco de caza, sem carecer de timoneiro estranho que lhe marque a zota a seguir no mar dos seus interesses.

Vel allivio! Tremo, quando pensava que bastava a machina descer um pouco para me arremessar contra o peito com aquelle machado aliado, feroz, e a esperança, que assim fazia estremecer todo o meu corpo. A esperança, que triumphava no cavalleto, que cochicha ao ouvido dos condemnados a morte, mesmo nos calabouços da inquisição. Notei que passadas dez ou doze oscillações teria o ago em contacto com o habito e esta observação tronxe-me o socego terrivel dos desesperados. Pela primeira vez, depois de horas e dias—pensava. Lembrei-me de que a facha ou ligadura que me envolvia era inteiriga. O primeiro golpe do instrumento devia afflasta-la o bastante para que com o braço esquerdo a podesse desenrolar toda. Mas quando não seria horrorosa tal operação, na proximidade do pendulo! O mais ligeiro abalo produziria a morte! Era crível além d'isso, que os carrascos não houvessem previsto e evitado essa eventualidade. Era provavel que a ligadura me envolvesse o peito, no sitio do percurso do pendulo? Tremulo pelo receio de ver frustrada a minha fraca esperança, que era a ultima necessariamente, levantei a cabeça para examinar bem o peito. A ligadura envolvia-me estreitamente os membros e o corpo em todos os sentidos—excepto no sitio da marcha seguida pelo crescente homicida. Mal a minha cabeça voltara a posição primitiva, concibi de repente a idea de me libertar que me havia assaltado, e tratei de a pôr em execução. Em volta de mim havia ha muito tempo um enorme formigueiro de ratos, stunuituosos, atrevidos, vorazes, que esperavam a minha immobildade para me converterem em presa appetitosa. Tinham devorado já o contendo do prato, não obstante os meus esforços em

Olivro de Bazaine

Como os leitores devem saber, o ex-marechal Bazaine acaba de dar á luz um livro, no qual pretende justificar-se da vergonhosa capitulação de Metz. O cynico ex-marechal esperou um decurso de doze annos para tentar esquivar-se á tremenda responsabilidade d'uma traição infame, que jamais será olvidada pela nação que sofreu as terriveis consequencias, e que a historia transmittirá á posteridade.

Empregando todas as evasivas, o sr. de Bazaine pretende na sua obra tornar os republicanos e os generaes que tinha sob as suas ordens culpados da capitulação!

É o cumulo do cynismo e da covardia.

Não nos alongamos mais em considerações para darmos a palavra a um escriptor do reino visinho, que aprecia com o devido correctivo o livro, que o ex-militar francez publicou.

Vejamos primeiro a proclamação que Mr. Bazaine dirigiu ao seu exercito antes de o entregar ao inimigo:

«Vencidos pelo numero, vemo-nos obrigados a soffrer as leis de guerra, constituindo-nos prisioneiros. Em diversas epochas da nossa historia militar, valorosas tropas commandadas por Massena, Kléber e Gonfron Saint-Cyr, soffreram a mesma sorte, que não empana a honra militar, quando, como vós, se tem cumprido o dever até ao ultimo extremo humano. Tudo o que era lealmente possivel fazer para evitar este fim, se tem empregado ainda que sem exito.

Realisar um novo e supremo esforço para romper as linhas fortificadas do inimigo, apezar da vossa bravura e do sacrificio de milhares de existencias que pôdem todavia ser uteis á patria, teria sido inutil, por causa do armamento e das forças formidaveis que guardam e defendem essas linhas, e por consequencia mais um desastre. Sejamos dignos na adversidade e respeitemos as convenções honrosas, que estão estipuladas, se queremos ser respeitados como merecemos. Evitemos, sobre tudo para a boa reputação d'este exercito, os actos de indisciplina, como a destruição das armas e material, posto que, segundo os usos militares, praças e armamentos deverão ser restituídos á França logo que se firme a paz. Ao deixar o commando, tenho de manifestar aos generaes, officiaes e soldados todo o meu reconhecimento pelo seu leal concurso, seu brilhante valor nos combates e a sua resignação nas privações, e é com o coração maguado que me separo de vós.

Bazaine.

«A capitulação de um exercito tão numeroso como o do marechal Bazaine, sem tentar antes uma batalha formidavel para romper as linhas al-

lemãs, sob o pretexto de que as suas tropas careciam de viveres, não pôde justificar-se e será sempre condemnada pela historia. O ex-marechal no seu livro não mostra a necessidade que teve de obrar assim, e trata de lançar a responsabilidade ao governo republicano francez, que não o soccorreu e á falta de cumprimento das suas ordens por parte dos generaes que mandavam as suas tropas

«Da attenta leitura da obra de mr. Bazaine e de outras que temos consultado a respeito das operações e da capitulação de Metz, resulta que o antigo ex-marechal da França não fez o possivel para romper as linhas allemãs; que se descuidou de introduzir em Metz os meios de subsistencia para o seu exercito, habitantes e guarnição de Lorena; que entabou negociações com o inimigo em circumstancias inopportunas, e que não reconheceu ao governo da «defeza nacional» instituido em 4 de setembro, mantendo-se obediente ao imperador Napoleão apezar d'este ter deixado de reinar por vontade da nação a quem, com fundamento, attribuiu todos os seus desastres.

«Inutilmente, pois mr. Bazaine apella para a imparcialidade da opinião e da imprensa, porque, comquanto a sua desgraça in pure respeito e commiseração, ter-se-ha de ser severo com elle, sempre que se trate do seu comportamento durante o bloqueio e a capitulação de Metz. O ex-marechal esperava que a sua patria olvidasse os seus erros, passados doze annos mas a imprensa da nação visinha, que recebemos estes dias é unanime em considerar justa a sentença que o condemnou á degradação e prisão perpetua.»

CARTA

Lisboa, 27 d'bril.

Reina uma santa paz na Lisia amada. A trovada passou e já ninguém falla na questão do Zaire, nem nos insultos da Inglaterra. Ninguém falla e um modo de dizer. A prosa indigena lá se vae esfalfando em tirades de patriotismo saloio nos cumprimentos dirigidos ao major Quillinan. Pobre major! Chegamos a ter pena d'elle, palavra. Que grandes massadorias que o bravo militar aguenta! Safa, antes apanhar uma estocada do Bright.

Isto, sejamos francos, é o paiz mais mal educado, mais atrazado, mais ignorante que ha na Europa. E para prova basta só esta mania antiga de macaquear tudo. Aqui, em uma pessoa fazendo uma coisa qualquer, boa ou má mas que dê no goto ao indigena, são todos a fazer o mesmo, d'envolta com uns certos disparates que a metem a ridiculo. Veja-se o caso Bright. Alguem teve a boa idea de cumprimentar o valente official Quillinan. Foi logo tudo a cumprimental-o. Houve uma chuva de telegrammas e de car-

tas. Houve sentimentalismos, houve arrancos de Marte, houve conselhos, houve maldições houve o diabo. Fallou-se em Camões, em Gama, em Albuquerque, em Homero até. Deitou-se poesia, comparou-se o acto do nosso compatriota com o acto guerreiro dos Magariços etc.

Ora bolas. E depois? Depois ficou salva a patria e as batutas. E d'aqui a dois dias havemos de ver esses patrioteiros, que votam poesia e que se acendem em sacro fogo contra a Inglaterra, ir lançar na urna, caladinhos como uns ratos, uma listasinha monarchica que o compadre ricaço lhe metten na mão ou alli o sr. administrador do concelho.

A Inglaterra insulta-nos, rouba-nos, descredita-nos. E' preciso repellil-a, cuspi-la lançar-lhe na cara com os insultos que nos arremessa. Mas não é com estas pieguices d'um povo decadente que tal se consegue. E' com um grande movimento nacional, e com a investida energica contra os responsaveis por tal facto, é procurando alianças necessarias para que possamos sustentar pela força os nossos direitos.

O contrario é rebaixar-nos aos olhos dos estranhos e aos nossos proprios olhos. E se querem a prova d'isso, leiam presentemente os jornaes estrangeiros e verão como elles se riem á socapa das nossas grandes manifestações contra a Inglaterra. O official portuguez merece as nossas sympathias, mas, alem de se estar tornando ridicula a maneira porque lh'as manifestamos é incrível, é extraordinario, é assombroso que o desforço d'uma nação se reduza só a isso.

São duras estas verdades, mas tenham paciencia. E' preciso haver alguém que as diga abertamente.

—A chefatura republicana, segundo me consta, não convoca comicio algum. Agora faz bem porque a convocação deveria-o ter feito ha muito tempo. E não o convoca nem o convocou porque diz ella, não ha motivo para elle.

Esta só da cabeça da tal chefatura. Então não ha motivo para dizer ao povo, alto e bom som, que o governo portuguez procede vilmente entabulando negociações com a Gran Bretanha sobre os terrenos do Zaire? Não é isso declarar implicitamente que são contestaveis os nossos direitos sobre aquelle territorio? Se aquillo é nosso, como é, que diabo de satisfações temos a dar á Gran-Bretanha?

Não ha motivo para dizer ao povo, alto e bom som, que o governo portuguez procede infamemente comprometendo-se com a Gran Bretanha a não enviar navios de guerra ás possessões portuguezas?

Quando se viu uma nação civilizada, digna, cavalheiresca tomar tal compromisso?

Não ha motivo para accentuar publicamente todas as outras irregularidades d'esta monstruosa questão?

Não ha motivo para a explicar bem ao povo, ao povo trabalhador que não tem tempo para estudar de gabinete e que por tanto a ignora?

Não ha motivo para lhe repetir que a aliança ingleza, de que a monarchia é partidaria fervorosa, nos desgraça?

Assim não fazemos nada. Não passamos da côpa torta e damos lugar a que o paiz grite—taes são uns como os outros. Para que acharão os senhores motivo n'este mundo, os senhores que já na Salamancada não procederam com a devida energia? Como não queremos responsabilidades e como nos parece que faremos alguma coisa clamando com justiça, aqui continuaremos a notar os erros da chefatura republicana. A disciplina é esta. Calar e soffrer não é disciplina é—tolice.

—O parlamento lá vae discutindo monstruosamente o balanço da receita e despeza. Parece-me que ainda se não discutem n'esta sessão as decantadas reformas politicas.

—Acabou o theatro de S. Carlos. A Reskê e a Pasqua deixaram Lisboa, com saudades, acrescentaria, se fosse bajulador de qualquer d'ellas, mas como o não sou, não quero dizer o que não sei. O que ellas levam com certeza de Lisboa é uma idea tristissima de meio cento d'annos, que para ahí ha. Esses typos fizeram uma figurinha decente e vergonhosa com as duas cantoras, cujo talento aprecio. Formaram-se dois partidos, o partido da Pasqua e o partido da Reskê, que se guerrearam com furia, para gaudio da gente seria.

Disputaram-se a primazia por todas as formas:— em applausos, em brindes, em despedidas e até em soccos!

Que paiz, santo Deus! Sempre é uma terra, a nossa, em que ha homens que tomam á má cara o partido de duas actrizes como os garotos tomam o partido de qualquer cousa que lhe vem á cabeça!

E verdade que os tólos existem em toda a parte!

Os principaes generos alimenticios correm no nosso mercado pelos seguintes preços:

Table with 2 columns: Item and Price. Feijão laranjeiro... 20 litros 1:400. Branco... 800. Mestura... 760. Manteiga... 960. Frade... 660. Caraca... 940. Trigo gallego... 980. Tremez... 740. Milho branco... 730. Dito amarello... 710.

O typho lavra com intensidade na freguezia de Sandomil, concelho de Ceia, fazendo consideravel numero de victimas.

E as auctoridades desenvolvem as providencias... do costume.

contrario, exceptuando um pequenissimo resto. A minha mão contralira, para os affastar, um habito de vae vem, de balanço continuo da cama para o prato; mas, com a continuação, perderei toda a efficacia em virtude da uniformidade machinal do movimento. Esta biccharrada, na sua voracidade repelente, enervava-me ás vezes os dentes nos dedos.

Com os restos da carne gordurenta e oleosa, esfreguei fortemente a ligadura até onde a poudo alcançar; em seguida conservei-me immovel e suspendi a respiração. Os animes glutinosos assustaram-se primeiro com a mudança e com a falta do vae vem da mão e fugiram para o poço; mas pouco durou isso. Não contara de balde com a sua glôdice. Observando a minha inação, um ou dois dos mais atrevidos subiram á tarumba e principiarão a cheiar a corda que me cingia. Foi o signal d'uma invasão geral. Sahiram tropas frescas do poço, agarraram-se á madeira, escalaram-na e saltaram aos centos para cima de mim. O movimento regular do pendulo não os perturbava. Evitando a sua passagem, trabalhavam activamente na corda oleosa.

Apertavam-se, formigavam, amontoavam-se; enrodiavam-se-me na garganta; os seus labios frios procuravam os meus; o seu peso multiplicado quasi que me soffocava; incommodava-me um nojo incrível que m'enregelava o coração. Mais um minuto e estaria terminada a horrivel operação. Sentia po-litivamente a frouxidão da corda e reconhecia que não tardaria a ser cortada em varias pontos. Tomei uma resolução sobrehumana e fiquei immovel. Não me tinha enganado nos meus calculos, não tinha soffrido de balde. Pouco depois notei que estava livre. A corda cahia em pedacos; mas o pendulo já me atacava, o

feito; rasgava-me a sarja; cortava-me a carniça; atravessou-me os nervos uma sensação de dor.

Mas o instante de salvagão estava chegando. A um gesto, os libertadores fugiram tumultuosamente. Com um movimento tranquilizante e resolutivo—de vagar e encolhendo-me escoreguei para o chão livrando-me da corda e da cunheta. Por enquanto estava livre.

Libre!—e em poder da Inquição. Apenas sahi da medonha cama, o movimento da machina infernal cessou e desapareceu pelo tecto atrebida por uma força invisivel. Este facto desesperou-me. Os meus movimentos eram espiaes sem duvida.

Libre!—livre sim d'aquella morte horrenda á custa d'agenias cruéis, mas para soffrer outra morte, talvez ainda mais horrenda. Impressionado por esse pensamento examinei com atidez as paredes de ferro que m'envolvião, e notei uma coisa singular. A masmorra passava sem duvida por uma alteração inapreciavel á primeira vista. Ao passo que me perdia em vãs e incoherentes conjecturas cheio de vertigens, descobri a origem da luz sulfureosa, que escurrecia a cela. Provinha d'uma fenda de meia polegada de largura, que se estendia em volta da prisão, por debaixo das paredes, que pareciam estar, por isso, e estavam-não de facto, completamente separadas do solo. Procurei, mas de balde, espelhar por aquella abertura. Larguei desanimado essa tarefa, quando o mysterio da alteração da masmorra se desvendou de subito. Disse já que os contornos das figuras pintadas nas paredes eram misturadas por as cores se acharem alteradas e indecisas. Ora as cores acabavam de temar, e cada vez tomavam mais, um brilho vivo e assaz intenso, que dava aquellas imagens phantasticas e diabolicas um aspecto capaz de

fazer estremecer o homem mais corajoso. Dirigiam-se para mim de mil pontos, olhos de demônios de vivacidade sinistra e feroz, dardando fogo infernal, que eu me esforcava por considerar imaginario.

Imaginário!—Bastava-me respirar para me entrar pelas narinas o vapor do ferido quente! Espalhava-se na prisão um cheiro suffocante! Os olhos dos demônios tornavam-se cada vez mais ardentes, torturando-me! A côr vermelha das horriveis figuras augmentava successivamente! Eu arquejava e respirava com custo! Não havia que duvidar do designio dos meus algozes, os mais terriveis, os mais infames dos homens! Fugia do metal para o centro do calabouço. Eu presença d'esta morte pelo fogo, a lembrança da frescura do poço consolava-me a alma, como balsamo salutar. Precipitei-me para as suas bordas mortaes e contemplei-lhe o fundo. O clarão da abobada inflamada illuminava-lhe as reconditas cavidades. O meu espirito desvariado recusou-se a acreditar no que via. Oh! piedade! Uma voz, uma voz, que eu ouça e a que possa responder!—Oh! horror! Todos os horrores excepto este!!!

Dei um grito, fugi do poço, occultei o rosto nas mãos e puz-me a chorar como uma creança, amargamente.

O calor augmentava rapido e levantei os olhos uma vez ainda. Operava-se uma segunda mudança na cela e agora era na forma. Como antes, em vão procurei apreciar ou comprehender o que se passava. Pouco tempo tive, porém, para duvidas. A vingança da Inquição, duas vezes estorvada pela minha felicidade, avançava a correr. A masmorra havia sido quadrada. Agora todavia, dois dos seus angulos eram agudos, e os outros dois obtusos portanto. Num instante transfor-

mou-se num losango, transformação que não parou ahí e nem eu desejava ou esperava que parasse. Se tivesse o poder de o fazer, to ia applicado os muros vermelhos contra o meu peito, como um vestido eterno de piz. A mo-te, que m'importava a morte? O que eu não queria era morrer no poço. Insensato! Não comprehendia que o fim dos carrascos era exactamente arremessá-me a esse poço, a esse poço que era a tumba real, do ferro ardente que me cercava. Pedia-lhe eu resistir ao ardo? Não via que me era impossivel deixar de recuar deante d'elle? Ah! o losango achata-se, achata-se com uma rapidez, que me não dava tempo para reflectir. O seu centro, collocado na linha da sua maior largura, coincidia mesmo com o do abysmo. Procurei fugir a este, mas as paredes, apertando-se, impelliam-me para lá e resistivamente Emfim, chegou um momento em que só havia lugar para o meu corpo quimado e convulso. Deixei de lutar e a agonia da minha alma exhalou-se num grande estongo grito supremo de dessepe o. Cambaleei sobre a borda, fechei os olhos.....

Mas eis um ruido discordante de vozes humanas! Uma explosão, um furacão de cornetas! Um rugido poderoso como o de mil trovões! Os muros de fogo recuavam precipitadamente! Um fogão estendido agarrou-me o meu e tirou-me da borda do abysmo onde ia cabir. Era o braço do general Lassalle. O exercito francez entrava em Tolledo.

Eis as contas da receita e despesa das duas recitas dadas no Theatro Aveirense, nas noites de 24 e 25 de março de 1883, em beneficio da caixa da companhia de Bombeiros Voluntarios d'Aveiro.

Receita—Na primeira noite

Table with 2 columns: Item and Amount. Items include Camarotes e frizas, Cadeiras, Superior, Geral, Galeria.

Segunda noite.

Table with 2 columns: Item and Amount. Items include Camarotes e frizas, Cadeiras, Superior, Geral, Galeria.

Total.... 148\$120

Despesa—Nas duas noites.

Table with 2 columns: Item and Amount. Items include Panno para a vista do 3.º acto, Tintas e iluminação, Panno para os repregos, Gratificação á actriz Gasparinho, Trabalho de duas costureiras, Dito do guarda do theatro, Dito do carpinteiro Bento Pereira dos Santos, Dito do carpinteiro José Maria de Pinho, Dito do carpinteiro João Alves Cazimiro, Madeira para os repregos, Trabalho do carpinteiro Roque de Mattos, Dito do carpinteiro F. Fernandes, Stearina e papel, Despesa abonada por Antonio Augusto Mourão, Aluguer dos fatos, Madeira para o panno, Trabalho de Acacio Nunes da Maia, Aluguer das cabeleiras, e conduções das mesmas e dos fatos, do Porto para esta cidade, Despesa abonada por o dr. J. Augusto de Sousa, Lavagem do theatro, e custo de 4 vidros, que se partiram, Transporte dos fatos e cabeleiras para o Porto.

Somma... 98\$850

Table with 2 columns: Item and Amount. Items include Saldo a favor da caixa, Em dinheiro, Em divida d'um individuo.

Total.... 148\$120

(Os documentos comprovativos, da receita e despesa, acham-se patentes para quem os quizer examinar).

Aveiro, 7 d'abril de 1883.

O thesoureiro da Sociedade Dramatica Antonio Augusto Mourão

Recebi o saldo em dinheiro, acima mencionado, bem como o panno da vista do 3.º acto, e os repregos.

O thesoureiro da Companhia de Bombeiros Voluntarios Fernando Homem Christo.

A camara municipal desta cidade anda azafamada em promover uns concertos que redundam em verdadeiros desperdícios. Melhor fôra por isso, que nunca se tivesse lembrado de tal. Na rua das Olarias havia um atoleiro enorme, ao qual por diferentes vezes nos referimos n'este jornal pedindo providencias á vereação. Depois vimos os trabalhos de concerto em principio, e quizemos suppor que se tratava seriamente de melhorar as condições d'aquella rua. Engano completo! O atoleiro foi encravado com terra, do que resultará, apparecerem novos atoleiros. Fizeram um pedaço de calçada, que já está inutilisado, não só

porque foi má a sua-construção, como por terem franqueado o transito aos carros, antes de o deverem fazer. E note-se que já é a segunda vez que fazem tal calçada, tendo acontecido a primeira a mesma coisa que agora está succedendo a esta.

Na travessa de S. Martinho, tratam tambem de encher as grandes covas que ella tem, com terra. Ora esta travessa como a rua da Olaria, é constantemente transitada por carros que conduzem os moligos da malhada. Por aqui se vê o acerto com que a benemerita camara procedê a qualquer melhoramento. É programma; respeitemo-lo!

Dizem de Monsão que em Ponte de Mouro tem havido tumultos, por causa da fome. O administrador do concelho acudiu com força armada e reclamou mais tropa. As casas commerciaes tem fechado as suas portas.

O sr. Fontes hade saber conjurar e castigar estes impetos atrevidos da canalha, que ousa dizer que tem fome.

Carga, sr. Fontes!

Em Coimbra houve desordem no enterro d'um bombeiro. Foi o caso que os padres se recusaram a ir de cruz algada até ao cemiterio. Uma das irmandades largou á carreira pela praça Nova e os membros de outras começaram a bater nos convidados com os brandões. Não esperaram então por mais nada os padres: fugiram nas azas do medo, deixando o bombeiro á merce de Satanaz. O feretro seguiu sem padres nem irmandades e, segundo consta, effectou-se a cerimonia do enterramento mesmo na ausencia destas e daquelles.

Isto sim, é seriedade. Sen'um enterro civil houvesse balburdia identica a esta, já os clamores dos srs. padres tinham aturdido os ares.

Que eloquencia!... Que cabeça!... Querem ouvir uma... grande novidade que o sr. Avellar Machado largou no parlamento?!

«Que os grandes melhoramentos exigem grande despesas, e que Portugal gasta menos com o exercito do que outras nações.»

Bravo, sr. Avellar. Com argumentos assim convincentes é que o illustre deputado faz calar os adversarios. Pois quem é capaz de provar que o pseudo-exercito portuguez gasta mais do que o exercito da Suissa, ou menos do que o da Allemanha!

Ha cada Bismark cá pela Parvozia!

O sr. presidente da camara, como todos se devem lembrar, antes de subir ao poleiro, aconselhava o povo a que não pagasse essa nova contribuição municipal destinada aos professores da instrução primaria.

E nem só elle dava esse conselho a quem lh'o pedia, como até o publicara nas columnas do seu jornal.

Passou-se tempo e o homem com estas e outras artimanhas conseguiu guindar-se á presidencia da vereação. E sabem agora o que elle faz, ou a camara, que o mesmo vale?

Manda penhorar os desgraçados que não pagam a tal contribuição, uns porque lhes faltam os meios, e outros porque ainda lhes soam nos ouvidos aquellas deleitosas palavras do amigo dos pobres.

Estes homens, os granjallas, foram sempre de palavra, honras se lhes fazem! Votem nelles para a outra vez e verão a somma de beneficios que então receberão!

Temos presente o primeiro numero da Folha Academica, jornal que se começou a publicar n'esta cidade. É sympathico e sobejamente promettedor o seu programma. Oxalá que o cumpria, que para isso tem os precisos elementos.

A mocidade academica tem vivido por aqui quasi inerte e ociosa; agora, porem, accordando, começa a mostrar que ainda possui vigor e energia.

A'vanté!

Recebemos tambem o numero programma do Defensor do Povo, folha semanal que se publica em Lisboa. O novo collega é abertamente democrata, como os leitores verão pelo seguinte periodo que d'elle transcrevemos:

«A dedicação e patriotismo podem levantar os mais tibios ás proporções de heroes; dedicação e patriotismo orgulhamo-nos de os possuir, e a estas duas virtudes sublimes pediremos o que a nossa deficiencia em saber e intelligencia nos não poder facultar, conscios de que com este soberano concurso poderemos fazer alguma coisa em prol das classes desprotegidas e exploradas, que constituem verdadeiramente o povo.»

Equalmente acusamos a recepção do primeiro numero d'um jornal republicano, A Hydra. Publica-se no Porto.

Sejam bemvidos os collegas. Longa e prospera vida, eis o que lhes desejamos.

Para a espada de honra que hade ser offertada ao intrepido militar Luiz Quillinan, pelos srs. Aurelio Navarro e Ignacio R. Ferreira, subscreveram os cavalheiros abaixo mencionados:

José M. de Christo, Antonio P. Leão Barboza, Maria J. de Pinho, Gabriel de Pinho, Elpidio Pereira, Antonio A. de Souza Maia, Eduardo Arvins, Francisco R. da Graça e Arthur Paes.

Transporte do numero antecedente 1\$000  
Somma..... 1\$900

Continúa aberta n'esta redacção a subscripção destinada a tão sympathico fim, na qual ninguem pôde assignar mais nem menos que 100 réis.

Achou-se tambem abertas subscripções em casa dos srs. Francisco Antonio de Moura e Manuel de Lemos, de cujo resultado daremos conta no proximo numero.

Com suas magestades vão a Madrid, segundo se diz, mais de vinte pessoas.

Não se sabe ao certo para que será precisa tanta gente, mas é de crêr que seja apenas para fazer prosperar mais a terra do Zé d'Adiga. Cem contos mais, cem contos menos... uma bagatela!

Um jornal monarchio botou lamuria por se estar a offender a Inglaterra em geral, nação de que Portugal necessita, a que Portugal deve obsequios...

É para se saber que não só os inglezes nos humilham; muitos portuguezes acham mais esta pobre nacionalidade, que o proprio Jacob Bright.

Os empregados da Repartição de Fazenda do concelho de Sever do Vouga, dirigiram ao Ex.º Major Luiz de Quillinan a seguinte felicitação:

Ex.º Sr.

Os empregados da Repartição de Fazenda do concelho de Sever do Vouga, avaliando devidamente a acção de alto patriotismo que acabais de praticar, levantando a luva cobardemente arrojada á nossa gloriosa e infeliz patria, congratulam-se com o paiz e testemunham-vos por esta forma o seu mais profundo respeito, viva sympathia e duradoura gratidão.

Sever do Vouga, etc.  
Joaquim Rodriguez Cerveira.  
Vicente Carlos de Quadros Corte-Real.  
Augusto Rodrigues Cerveira.

Na administração do concelho de Villa Franca de Xira casaram civilmente José Pedro da Costa, e Theodolinda d'Almeida Fernandes, ambos parochianos da freguezia de S. João Baptista da Villa d'Alhandra.

No dia 21 do corrente casaram tambem civilmente, na administração do concelho de S. Thiago de Cacem, o sr. Antonio Pedro Prata e a sr.ª D. Maria da Conceição Godinho, ambos naturaes e residentes em Sines. Foram testemunhas os srs. Francisco Joaquim Raposo e Augusto Cesar da Silva.

A noiva foi acompanhada pelas sr.ªs D. Lucrecia David, D. Perpétua Augusta e D. Miquellina Rosa.

Tanto o sr. administrador do concelho, com o escrivão receberam os noivos e testemunhas com a maior attenção e delicadeza.

O julgamento dos nihilistas implicados no assassinio do imperador da Russia, terminou.

Foram condemnados á morte cinco. Siatropolski, Koboseff, Boutswitsch, Gratieffski e Klemenko, e nove a trabalhos forçados por toda a vida, sendo d'estes, 4 homens e 5 mulheres. Ao resto dos reus foi imposto degredo temporario.

E nem a trôco d'estas medidas barbaras consegue a Russia ter o desejado socêgo!...

Foram encommendados a uma fabrica de tabaco de S. Petersburgo, trinta milhoes de cigarros que hão de ser distribuidos ao povo e ás tropas por occasião das festas da coroação do Czar.

Diabo! não será muito cigarro! E depois, o cigarro não poderá mais facilmente fazer explodir a dynamite! Cautella!

Permittam os leitores que chame-mos a sua attenção para o anuncio que hoje publicamos na secção competente, sob a epigraph: Escola popular. Julio da Conceição é um rapaz sympathico, intelligente e trabalhador, digno por isso da protecção de todos.

Publicou-se o n.º II da Mosca, semanario humoristico illustrado, redigido por Braz de Paiva.

O numero que temos presente publica o retrato do festejado actor Taborada.

A Mosca, assigna-se na rua do Mirante n.º 9.—Porto.

Está quasi provado á evidencia que o roubo e desacato que ha tempo se deu ao Bom Jesus do Monte, em Braga, foi inventado para armar ao effeito e se organisarem as peregrinações que lá foram.

Nada! Nós não acreditamos que Braga, a catholica, fosse capaz de tanta maldade.

Um professor primario de Adêa do Bispo, queixa-se de não receber ha mais de oito mezes um real do seu ordenado.

Tenha paciencia o professor: estamos sob o regimen do sr. Fontes, que reconhece a necessidade do jejum perpetuo dos que trabalham.

Communicam á Liberdade de Vizeu, que anda pela freguezia de Ferreira, concelho de Sattam, um celebre padre Miguel a fazer rija propaganda jesuitica. Aconselha as filhas a esquecerem seus paes e parentes, e a jejuarem continuamente. Elle é que enjende pouco de jejuns, pois que anda nêdio e gordo que nem um rato.

Não haverá por ahi um cojado valente para tosar aque le atrevido que, não satisfeito com explorar o povo, impingindo-lhe imagens de barro carissimas, quer tambem levar ao seio das familias a desharmonia e a discordia?!

Fôra com o intrujão!

Na freguezia de Lumiar não ha uma escola de instrução primaria.

Não vemos razão para espanto. A monarchia é a forma de governo, por enquanto em Portugal.

Parece que vae ser creado um lugar do 5.º officio d'escrivão em Oliveira de Azemeis.

Bem andarã o ministro que assim desaccumula servico facilitando ao publico a expedição de seus negocios, o

que já de ha muito é reclamado pela difficuldade em aviar a tempo todo o trabalho nos quatro cartorios existentes.

É indigitado para o lugar que se projecta o sr. Manuel Maria da Silva Pereira, cavalheiro muito estimavel e bemquisto pelos raros predicados e dotes de caracter, d'intelligencia e de coraço que o ornã. Acertadissima será a escolha recaindo em quem tantas garantias offerece de bem servir o publico e de cabalmente desempenhar funções de tanta ponderação e responsabilidade.

Agradecemos o numero 27 da revista illustrada—Liceu Brigantino—, que recebemos, e de que é director D. Ricardo Caruncho.

Não damos o summario por ser muito extenso.

Gazetilha

D. Zilú de Salamanca vae dar um giro a Madrid, vae ver, na regia tamanca, a alegre patria do Cid.

Um gabinete d'arranjos segue a D. Zilú agosto, com esta familia d'anjos a vida passa sem custo!

O paiz expoliado cá ficará na frescata, vae gemendo o seu bocado mas... pagando a bambuchata!

Que D. Zilú vá sabendo como isto corre por cá, e pode mesmo, querendo, agitar-se a ficar lá...

Leva acima a reinação se quizer não torne a vir, porque o paiz sem paixão, de contente fica a rir.

Egas-Par.

ANNUNCIOS

ESCOLA POPULAR

Julio da Conceição abriu com este nome uma escola, em que lecciona instrução primaria e o primeiro anno do curso dos lyceus. Casa da «Quinta da Apresentação»—Rua das Salineiras—Aveiro.

Chegou!

Para a loja de João Pinto de Miranda, rua dos Mercadores, chegou um variadissimo sortimento de fazendas proprias para a presente estação.

Agradecimento

Os abaixo assignados, não podendo agradecer pessoalmente a todas as pessoas que fizeram o obsequio de lhes dar pezames e assistir aos officios de corpo prezente de seu pae, Manoel Jozé de Mattos, vem por este meio manifestar a todos, a sua eterna gratidão.

Aveiro, 26 de abril de 1883  
Manoel José de Mattos Junior  
José Maria de Mattos.

Agradecimento

Maria Roza Ferreira d'Almeida, Augusto José d'Almeida, Anna Luiza d'Almeida, Anna da Piedade, Maria Acláide, Carolina Augusta e João Ferreira Martins, agradecem summamente a todas as pesscas que visitaram seu marido, irmão, pae e sogro João d'Almeida durante a sua enfermidade, e lhes darem os pesames pelo infausto fallecimento do mesmo.

**DOMINGOS LUIZ VALENTE D'ALMEIDA**  
COM  
**OFFICINA DE SERRALHARIA**  
EM

**MARCA**

**F**ORNECE lojas de ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro de armar sem parafuso do preço de 1\$900 a 9\$000, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de latão, carda ingleza, panellas de ferro, balanças decimaes, e tudo pertencente ao seu ramo.

Preços sem competencia.

**GRANDE**  
**NOVIDADE**



A COMPANHIA FABRIL SINGER

Apresenta desde hoje á venda a sua nova  
machina de cozer de

**LANÇADEIRA OSCILANTE**

É ESTÁ A REVOLUÇÃO MAIS COMPLETA QUE TEM HAVIDO NAS MACHINAS DE COSTURA.

Trabalho sem igual ao de todas as machinas silenciosas e de lançadeira até hoje conhecidas.

As suas grandes vantagens são:

Braço muito elevado.—Lançadeira que leva um carrinho d'algodão.—Agulha ajustavel de per si.—Dois mil pontos n'um minuto.—Levissimas no trabalho.—Silenciosas sem igual.—Não precisa encher canellas.—Não precisa enfiar a lançadeira.—Pespointo o mais bello e mais elastico. Todo o seu maquinismo ajustavel e com o uso e os annos está a machina sempre perfeita.

**GARANTIDA POR DOZE ANNOS**

**PRIVILEGIO EXCLUSIVO EM PORTUGAL POR 20 ANNOS**

Para familias; para alfaites; para sapateiros; para toda a classe de trabalho.

Machinas desde o preço de 8\$000 réis até 130\$000 réis, com os melhoramentos mais modernos e canelleiro automatico.

Todas as pessoas encontrarão no trabalho da machina SINGER FAMILIA de LANÇADEIRA OSCILANTE o que ha de mais perfeito e bem acabado.

Todos os industriaes executarão na machina SINGER industrial de lançadeira oscillante os trabalhos mais delicados e com a maior facilidade, como nunca terão visto.

Aos alfaites e sapateiros chamamos a sua attenção para esta nova machina de lançadeira oscillante.

EXISTENCIA PERMANENTE NOS ARMAZENS 1:300 MACHINAS

VENDAS A DINHEIRO

com desconto de 10 p. c.

VENDAS A PRESTAÇÕES DE 500 RS. SEMANAES

SEM PRESTAÇÃO DE ENTRADA

ENSINO GRÁTIS

Cuidado com as imitações

Exigir sempre a marca da fabrica e que os recibos ou contas tenham as seguintes palavras «Machina legitima da Companhia Fabril Singer.»

**Companhia Fabril Singer**

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

(Pegado ao edificio da Caixa Economica.)

**AVEIRO**

52—Largo da Praça—53

**OVAR**

E

Em todas as capitales de districto de Portugal

**VIGAS DE RIGA**

Na officina de Fernando H. Christo, rua da Alfandega, ha para vender uma boa porção de vigas de Riga de primeira qualidade, proprias para vigaamentos; as quaes medem de 5 a 40 metros de comprido, por 0,12 de grossura e de larguras diversas.

**BANDEIRAS E LANTERNAS**

José Vieira Guimarães, na praça do Commercio d'esta cidade, tem para alugar um grande a variado sortimento de bandeiras e lanternas.  
Preços commodos.

**O AMANTE DA LUA**

POR

**PAULO DE KOCK**

50 réis semannas em Lisboa—Provinciase Ilhas 400 réis quinzenaes cada fasciculo de 80 paginas.

Assigna-se no escriptorio da empreza, rua da Atalaya 18 Lisboa, em todas as livrarias do Reino, e em casa dos srs. correspondentes da Empreza.

**!NOVIDADE!**

**Ourivesaria Manu-  
factora**

14—RUA DAS BARCAS—16  
**AVEIRO**

N'esta officina executa-se com toda a perfeição e maxima brevidade toda a obra d'ouro ou prata.

Galvanisa-se toda a qualidade de metal, em obras.

Garante-se em todos os trabalhos a modicidade de preços.

Encomendas a

**José Eduardo Mourão.**

**Galeria Republicana**

Editor e proprietario  
**JOÃO JOSÉ BAPTISTA**

Director—MAGALHÃES LIMA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Quem angariar 10 assignaturas receberá uma gratis

Lisboa

Anno ou 24 numeros..... 1\$500  
Semestre ou 12 numeros.... 720  
Trimestre ou 6 numeros..... 400  
No acto da entrega..... 70  
Numero avulso..... 100

Provincias e ilhas

Anno ou 24 numeros..... 1\$600  
Semestre ou 12 numeros.... 800  
Africa e estrangeiro accrece o importe do correio.  
Brazil, anno ou 24 numeros  
(moeda forte)..... 3\$000

**CONTRA OS JESUITAS**

O memoravel e notabilissimo discurso

contra a propaganda jesuitica

Proferido pelo exm.º sr.

**MARIANO DE CARVALHO**

Na sessão de 16 de março de 1883

Acha-se á venda em todas as livrarias e em todos os kiosques.

Os pedidos para revender, devem dirigir-se á redacção do «Zé Povinho», rua de Santo Ildefonso 394, porto.

**A MÃO NEGRA**

HISTORIA DA TERRIVEL SEITA

Assigna-se na Imprensa Occidental, rua da Fabrica, 66—Porto, e em todas as livrarias.

Por volume 400 réis—aos fasciculos 50 réis

**SERÕES ROMANTICOS**

EMPRESA EDITORA—BELEM & C.<sup>a</sup>

Lisboa—26, Rua da Cruz de Pau, 26—Lisboa

**MYSTERIOS D'UMA HERANÇA**

ULTIMA publicação de Xavier de Montépin, auctor do romance—O FIACRE N.º 13.

1.ª parte—A Herança de Renée.

2.ª parte—Crimes sobre crimes.

3.ª parte—Expição.

Edição ornada com chromos a dez côres e com magnificas gravuras Cada chromo 10 réis. Um brinde a cada assignante no fim da obra.

Assigna-se em todas as livrarias e no escriptorio, da empreza editor. BELEM & C.<sup>a</sup> rua da Cruz de Pau, 26, onde se dão os prospectos.

**OBRAS POLITICAS**

DE

**LEON GAMBETTA**

Primeiro volume

**CARTAS E PROCESSOS**

Acha-se á venda em todas as livrarias.—Por assignatura, 300 réis cada volume—Avulso, 400 réis.—Provincia, ilhas, Africa e Brazil, accrece o porte do correio.

No prelo, o segundo volume—O Processo do Baixo Imperio. Todos os volumes são completamente desligados uns dos outros.—retratos de Gambetta, em meio corpo, lytographados em papel especial, 300 réis.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a Alcino Aranha, editor, Rua de Cima da Villa, 25, Porto e em Lisboa F. N. Collares,—Rua da Atalaya n.º 18.

**OFFICINA DE SERRALHARIA**

DE

**JOÃO ANTONIO DE SOUZA**

4—Largo da Apresentação—6

EM

**AVEIRO**

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.

ERNESTO CHARDRON—Editor

NO PRELO

**OS RATOS DA INQUISIÇÃO**

Poema inedito

DO JUDEU PORTUGUEZ

Antonio Serrão de Castro

PREFACIADO

POR

**CAMILLO CASTELLO BRANCO**

Para entrar brevemente no prélo:

**OS BROGAS**

ROMANCE

**CHRONICA DE UMA FAMILIA**

POR

**CAMILLO CASTELLO BRANCO**

**Fabrica de Bolacha e Biscoutos**

—DE—

**AUGUSTO DA SILVA TEIXEIRA**

CONVENTO DA ESTRELLA

**COIMBRA**

BOLACHA	Kilo	BISCOUTOS	Kilo
D. Luiz.	220 rs.	Limão 1.ª	220 rs.
Franceza 1.ª	230 »	» 2.ª	210 »
» 2.ª	210 »	Canella 1.ª	220 »
Agua e Sal 1.ª	240 »	» 2.ª	190 »
» 2.ª	230 »	Lacinhos	250 »
Leve	210 »	Suissos	400 »
Torrada	240 »	Belgas	320 »
Requite 1.ª	360 »	Paciencias e Marialvas	400 »
» 2.ª	260 »	Linguas de gato	400 »
» 3.ª	220 »	Palitos amendoa 1.ª	360 »
Erva doce	170 »	» 2.ª	320 »
Amores	360 »	Canella	220 »
Pão de Ló		Limão	240 »
» em fatia torrado		Deliciosas	320 »
Pemzinhos	360 »	Estrellas	400 »
Primores	400 »	Corças a Camões	320 »
Bolo inglez, duzia	200 »	Marquinhas	320 »
		Pauperios e Bisc. Porto	220 »

N. B.—Os preços acima mencionados não tem desconto.